



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O DISCURSO DE CONSTRUÇÃO DO EU FEMININO E SUA INTERRELAÇÃO COM O CAMPO POLÍTICO

Filipe Lins dos Santos¹

Universidade Federal da Paraíba/E-mail: filipelins2000@yahoo.com.br

Raissa Ester Maia de Barros²

Universidade Federal de Campina Grande/ E-mail: raissaester2@gmail.com

Resumo: O discurso de construção do sujeito na sua inserção social revela um conjunto de elementos que vão qualificar o ser no seu processo de identificação. Nesse contexto, pensar o eu feminino dentro do cenário político é investigar quais discursos atuantes e de como eles constroem o sujeito feminino nesse locus. Pretende-se, ainda, demonstrar a percepção de que ainda se faz necessário o combate à desigualdade de gênero para estimular a inserção da mulher no campo político. Assim, o objetivo do presente trabalho é analisar como se apresenta esse discurso de construção do eu feminino e como esse se relaciona com o campo político partindo dos referenciais teóricos de Bourdieu e Foucault.

Palavras-chave: Gênero, Campo Político, Discurso, Dominação.

Introdução

A formação do sujeito e sua sexualidade decorrem de um processo de formação do sujeito com base na incorporação e exteriorização da consciência de si, na qual se pauta numa dinâmica relacional do indivíduo com o meio no qual ele pertence. Diante disso, verifica-se como o discurso de formação e no qual a sociedade se pauta influenciam diretamente a construção da consciência de si do indivíduo. Nesse panorama, a elaboração dos conceitos e divisão de espaço no ambiente público e privado reflete o discurso construído, bem como as relações de poder estabelecidas.

Assim, pensar na realidade política e na participação feminina é compreender as relações de poder e discursos que se interagem com as dinâmicas sociais, logo para isso torna-se fundamental entender tudo isso a partir do conceito de Bourdieu sobre o campo para analisar-se como as interações sociais são construídas na esfera política.

¹ Graduado em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal da Paraíba, Especialista em Direito do Trabalho e Processo do Trabalho e integrante do Corpo Editorial da Revista Gênero & Direito. Advogado.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFCG; Pós-Graduada em Direito do Trabalho e Previdenciário, PUC-MG; Pós-Graduada em Direito Civil Constitucional pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas, UFPB/ESMA PB. Advogada.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Destarte, o objetivo desse artigo é tratar da dinâmica do discurso e como ela forma o sujeito mulher dentro do campo político a partir das relações de gênero e jogos do poder, bem como rever situações que ainda contribuem para a desigualdade de gênero na arena política.

Metodologia

A metodologia empregada se pautou na vertente sociologia simbólica tomando como referencial teórico Pierre Bourdieu, através dos seus estudos sobre campo político, a fim de compreender o meio de relações sociais que envolve a mulher no cenário político.

Utilizou-se também a análise da formação do sujeito em Freud e Hegel com a finalidade de compreender como a subjetividade do indivíduo se forma e sua relação com a comunidade. A coleta dos dados se baseou numa revisão bibliográfica sobre as principais obras desses autores.

O eu e a identidade feminina no jogo do discurso

A construção do indivíduo perpassa pela relação do sujeito consigo e com o meio social no qual se está inserido, portanto a elaboração do ser individual não se apresenta estática, mas dinâmica em face do constante processo de absorção, projeção e eliminação de qualidades reveladas e escolhidas ou impostas ao ser.

É nesse contexto que Hegel expõe que a construção da consciência de si decorre de uma relação dialética do sujeito com seu meio de inserção, haja vista a consciência de si ser reflexiva a partir do mundo sensível, percebido e essencialmente o retorno do *ser-Outro*. (HEGEL, 2002, p.136)

Ocorre que a elaboração do sujeito, enquanto ser sexual, também é oriundo desse mesmo processo, uma vez que a sexualidade faz parte do conjunto de qualidades que devem ser incorporadas pelo indivíduo para seu posicionamento na sociedade. Diante disso, Freud elucida a existência de um constante processo de identificação dos sujeitos. Ele declara que o indivíduo é composto por diversos 'eus' divididos numa unidade, no qual cada um deles busca seu posicionamento no meio societário. É nesse contexto onde a multiplicidade dos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

seres num só sujeito se apresenta como modelo de redefinição de comportamentos em cada esfera da participação do indivíduo em seu espaço. (HALL, 2006, p. 36, 38 e 39).

Observa-se que quando Freud expõe seu pensamento verifica-se que a identidade não é algo formado, mas está em constante formação ou andamento, uma vez que o sujeito ao assumir sua identidade, não assume algo congelado pelas relações sociais, pois a depender das forças de sobreposição discursivas no meio comunitário a formatação e a exposição de uma identidade podem variar sob a influência do jogo do poder.

Nesse aspecto, pode-se observar que a construção sexual não é algo definido e pronto, assim o sujeito vai incorporando qualidades transmitidas a ele durante sua trajetória de vida e nas diversas fases etárias vivenciadas. Destarte, percebe-se claramente que a incorporação feita pelo sujeito repousa na inserção de discursos socialmente construídos, sendo tal enunciado social revelador de disposição das relações de poder.

Nesse ponto torna-se importante observar como bem elucidada Foucault que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”, logo depreende que o discurso é algo muito mais além que um mero enunciado linguístico, pois ele demonstra a dinâmica de organização e gestão dos poderes que conduzem o meio social. (FOUCAULT, 2009, p. 49)

Nesse interim, infere-se que o discurso é um jogo não estático no qual as personalidades individuais e grupais são expostas para estabelecer as suas posições dentro das lutas societárias.

Dessa maneira, falar de construção do indivíduo no meio social e sua identidade é falar também das relações discursivas que envolvem o ser e como as dinâmicas de poder estão dispostas na mutabilidade do fenômeno discursivo.

É possível analisar a dinâmica dos jogos discursivos e do conflito inerente dentro dessas relações, bem como as de gênero numa simples análise da música “Maria Brasileiras”, conforme se observa nas estrofes abaixo:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Maria brasileira/ De tudo sou capaz/ Maria verdadeira/ Tudo que você fizer, eu faço mais/ Maria sem vergonha/ Marias sensuais/ Maria vai com as outras Quero ver você fazer o que ela faz/ Somos as Marias que sonhamos/ Que arrumamos e limpamos/ A bagunça que eles fazem/ Somos três estrelas disfarçadas/ De Marias empregadas/ Ao redor da malandragem/ [...] Maria na pia, Maria na feira/ Maria falando, escutando besteira/ Maria fingindo que não entendeu/ Os olhares de alguém/ Maria cantando, Maria dançando/ Maria esperando o amor que não vem/ Maria lutando, Maria querendo ser rica também. (TERRA, 2015).

Essa música surgiu num contexto de uma novela em 2012, intitulada *Cheias de Charme*, que contava a história de empregadas domésticas com o dom da música e que se tornaram grandes cantoras e artistas. Diante disso, essa canção não apenas expressa o lado da empregada doméstica, pois expõe, também, de maneira clara um conflito social pautado no nome e na distribuição sexual das identidades.

Percebe-se que o nome Maria, como nome muito comum no Brasil, apresenta características que o diferencia dos demais nomes como: ser capaz de tudo, verdadeira, fazer em tudo melhor que os demais, não ter vergonha, ser sensual. Após esses primeiros enunciados o autor da canção começa a situar o tipo de Maria que ele deseja expor dando os seguintes caracteres: ser sonhadora, arrumar, limpar a bagunça dos outros, ser estrelas disfarçadas, empregadas.

Ademais, o autor começa a por a personagem em diversos contextos laborais, a saber: aquela que está na pia de uma cozinha, na feira, a que fala besteira, a que finge não entender os olhares de alguém, aquela que canta, dança, espera o amor romântico, a que luta e quer ser rica.

Depreende-se do texto que a canção inicia-se ampla partindo de um nome popular no Brasil e começa a diferenciar esse nome dos demais, para após isso qualificar o tipo de Maria escolhido, isto é, a Maria empregada doméstica ou a Maria popular integrante de classe média ou baixa. Por último, o autor insere a Maria selecionada nas diversas situações da vida cotidiana priorizando a força da divisão do trabalho e das identidades de gênero, ao declarar em quais empregos essa Maria se encontra e como ela se relaciona emocionalmente.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Essa música reflete um contexto de disposição dos discursos na vida social e como eles influenciam e definem os papéis dos atores sociais, pois com o uso do nome Maria é possível se verificar estereótipos de gênero como a mulher romântica e não correspondida (“o amor que não vem”) e a ideia da necessidade de uma mulher ser conquistada pelo homem (“Maria fingindo que não entendeu/ Os olhares de alguém”).

A canção também revela a divisão sexual do trabalho ao colocar as primeiras e principais ocupações desenvolvidas pela personagem Maria, como está na pia, na feira e rua. Ademais se percebe algo fundamental que é o sonho da Maria empregada de deixar de ser empregada doméstica, bem como a compreensão de que ela não é qualquer doméstica, mas sim uma estrela disfarçada.

Nesse sentido percebe-se uma busca do autor pela valorização da categoria na pretensão da inversão social e do real valor que a doméstica possível, esse conflito de identidades e formação de um jogo de discursos que constroem sujeitos na dinâmica da luta pelo seu espaço reforça o exposto até o momento, isto é, que as relações de construções das identidades e sexualidade são um campo de lutas por espaço, no qual o discurso sexual constrói, desconstrói e reelabora identidades e personagens no jogo do poder.

O discurso de gênero e o espaço da mulher

Muitos autores, dentre eles Simone de Beauvoir ((BEAUVOIR, 1960 a, p.11) entendem a lógica da construção da identidade da mulher como um produto social e/ou cultural. Conforme observado, a definição do ‘eu feminino’ é produto direto do processo de construção e absorção do sujeito no meio em que ele está inserido.

Logo desde a sua infância, o feminino é preparado a assumir um papel que se amolda à submissão. Ela vai absorvendo, aos poucos, a sua condição de protagonista da esfera privada e isso, evidentemente, mostra-se como consequência do meio em que ela vive e das regras sócios culturais que estão, constantemente, permeando suas vivências. A educação da menina acaba por treiná-la a ser inferior à figura do homem e a realizar atividades puramente domésticas.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A menina vai sendo moldada para se tornar um objeto, tendo retirada sua liberdade e aprisionada sua autonomia. A situação ‘submissa’ da mulher frente à ocupação de espaços de poder pelo homem está arraigada, praticamente, à época em que estava no ventre da sua mãe quando, muitas vezes, antes mesmo de nascer, já tinha um pretendente a futuro marido (obviamente escolhido pelos seus pais). Por isso, é possível afirmar que a própria família, muitas vezes, apresenta-se como a escola que ensina a submissão feminina, através de preceitos socioculturais. Isso, na verdade, é consequência óbvia das interações sociais que envolvem os sujeitos constantemente. Sobre a menina e sobre sua formação como mulher, Beauvoir afirma:

Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade; fecha-se assim um círculo vicioso, pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; se a encorajassem a isso, ela poderia manifestar a mesma exuberância viva, a mesma curiosidade, o mesmo espírito de iniciativa, a mesma ousadia que um menino. (BEAUVOIR, 1960 a, p.22)

Percebe-se, pois, que a determinação do posicionamento dos sexos em nossa sociedade, transcende qualquer argumento que siga a trilha biológica, ainda que insista o discurso machista em sentido contrário. O contexto sociocultural, das interações e absorções sociais que se encontram as mulheres, é mergulhado numa força motriz que as tornam ausentes de autonomia e com o sepultamento de liberdades, senão aquelas atreladas à cuidar da casa, se embelezar para o marido e cumprir os deveres conjugais. Para Beauvoir, não há nada que distiguisse as meninas dos meninos. Ambos nasciam com as mesmas capacidades e oportunidades e poderiam viver em um terreno de igualdades. Aos olhos dessa autora, o que se faz bastante determinante é a educação e o ambiente em que meninos e meninas estão inseridos.

Nesse contexto convém analisar-se sobre o acesso das mulheres à representação política resulta da combinação de uma série de elementos de caráter ideológico, econômico e político. No Brasil, pode-se mencionar dentro desses elementos as leis eleitorais, entendendo-



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

as como sistemas eleitorais básicos, nos quais se destaca a adoção de medidas específicas como as cotas e outras formas de incentivos estratégicos para os selecionadores partidários e para os candidatos.

Em certa medida, a lógica da preservação ou expansão dos ganhos eleitorais em razão da participação da mulher tende a exercer um efeito inercial nos partidos, a qual pode ser quebrada pelas cotas, mas que também condiciona a possibilidade de sua implementação, mesmo quando há compromissos ideológicos mais explícitos, como é o caso da representação de interesses corporativos específicos do universo feminino.

Dessa forma, convém enfatizar o processo de construção e legitimação destes espaços: o público e o privado, que aqui são reconhecidos como espaços de socialização complexos e distintos de acordo com uma diversidade de realidades, a partir da demanda de novos sujeitos sociais em suas atuações políticas.

Partindo-se de uma inquietação que é a de compreender o processo através do qual as mulheres que exercem atividades de liderança no cenário político se configuram como sujeitos políticos que atuam de maneira efetiva em espaços de participação e renovação das relações de poder.

Essa inquietação é pertinente quando constatamos que o campo político brasileiro ainda evidencia um modelo de família onde a figura masculina prevalece. A representação social em torno da mulher, por mais emancipada que pareça ser, está impregnada de um ranço patriarcal e machista, haja vista que no universo feminino tenha que se conciliar a execução de funções sociais na tensão das esferas do público e do privado ou da casa e da rua, no sentido de Da Matta. A mulher é convidada a permear distintas atuações sem deixar sua obrigação tão naturalizada, como as de ser dona de casa e mãe.

Esse debate de gênero não está cristalizado num modelo, até por que entendemos que existam relações de negociações para que a mulher possa sair do ambiente onde tradicionalmente vive (do espaço doméstico) e migre para outros espaços de ação política e pública. Sabemos que existem tensões na tentativa de conciliar a vida política com a vida familiar. Essas tensões que emergem no trânsito da mulher entre público e privado é um ponto



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

central da nossa análise, dado que elas indicam que o papel de liderança política da mulher ainda não foi plenamente legitimado no cenário da vida contemporânea.

Na atualidade, pode-se observar que a assimetria na distribuição de espaços de poder, em alguns contextos sociais, tem alcançado certo equilíbrio. Reconhecemos que em âmbitos urbanos as mulheres têm tido visibilidade social em decorrência de cargos e funções por elas exercidos em diversas profissões. No entanto, quando se trata da mulher que exerce o papel de líder no cenário político, observa-se que algumas delas ganham visibilidade na luta “silenciosa” do engajamento em causas sociais; mas seu discurso político, sua influência nas formações de bases sociais, em repassar conceitos ideológicos, assim como sua destreza em articular vida doméstica e espaços sociais, muitas vezes, têm sido esquecidas ou condenadas à invisibilidade.

Campo Político e a Inserção feminina

Diante desse cenário, torna-se fulcral partir da compreensão que nesse espaço público no qual a política se desenvolve refere-se antes de tudo a um campo. Para isso fundamentalmente partindo-se da compreensão de Bourdieu sobre campo pode-se inferir que os campos possuem suas próprias regras, princípios e hierarquias. Eles são definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros. *Os campos* se caracterizam por espaços sociais, mais ou menos restritos, onde as ações individuais e coletivas se dão dentro de uma normatização, criada e transformada constantemente por essas próprias ações. Dialeticamente, esses espaços, ou estruturas, trazem em seu bojo uma dinâmica determinada e determinante, na mesma medida em que sofrem influências – e, portanto, modificações – de seus atores. (BOURDIEU, 1989 a, p.59 a 73)

Deve-se atentar que relacionalmente no conjunto social, diferentes *campos* relacionam-se entre si originando espaços sociais mais abrangentes, conexos, estruturantes e estruturados ao mesmo tempo. Inseridos em determinados *campos*, em decorrência do fluxo de interações mútuas, são os mesmos atores os que constituem sua própria realidade social.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sem dúvida, os atores sociais que constituem determinados campos entram em lutas e relações diversas visando impor sua visão, mas eles fazem sempre com pontos de vista, interesses e referenciais determinados pela posição que ocupam no mesmo mundo que pretendem transformar ou conservar.

É nesse contexto que convém evidenciar a interligação entre o conceito Bourdesiano de *Campos* e a questão do discurso dominante. Já que dentro de um campo deve-se atentar as formações sociais pelas quais os discursos que envolvem o campo influenciam os seres neles inseridos.

Com base no elucidado torna-se importante qualificar o espaço real do mundo político no tocante a participação feminina, a fim de verificar como a mulher está inserida nessa dinâmica grupal de relações sociais. Para isso torna-se fulcral destacar a tabela abaixo sobre Mulher na Política em que se estabeleceu um paralelo sobre a participação de mulheres na Câmara dos Deputados e Senado em comparação com outros países.



Fonte: União Inter-Parlamentar



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ademais, esse cenário estatístico apenas realiza um recorte e caracteriza uma realidade social que reflete o pensamento e a posição do feminino influenciado pelo discurso de gênero, em que os partidos na maior das vezes são “controlados por homens que dão poucos espaços para as mulheres atuarem”, nisso o processo político acaba sendo desestimulante e refletindo na pouca quantidade de candidatas efetivamente eleitas. (BRASIL, 2014).

Portanto, o campo político é fortemente influenciado pelo patriarcalismo reforçado por homens e mulheres e, ao mesmo tempo, influenciados por *habitus* em construções contínuas como, por exemplo, os distintos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres em cada contexto social. Nesse panorama, convém observar que dentro do campo político há o reflexo do processo de luta pelo espaço social, bem como a caracterização de um campo no qual prevalece o discurso de dominação masculina.

Embora a participação feminina no cenário da representação política transmita a ideia de certa emancipação feminina intuímos que, como em outros campos da vida social, no campo político, a mulher deve lutar por ocupar um espaço que tradicionalmente foi identificado como específico da dominação masculina. Nos discursos e práticas de algumas líderes partidárias essa luta aparece com frequência.

Ainda sobre os ensinamentos Bourdesianos, percebe-se que em uma de suas obras, *Dominação Masculina*, o autor tem a percepção de que os indivíduos estariam sendo guiados por uma lógica ou prática que, de forma disfarçada e inconsciente, submete-se à dominação masculina. Para tanto, argumenta em sua obra:

Esses esquemas de pensamento, de aplicação universal, registram como que diferenças de natureza, inscritas na objetividade, das variações e dos traços distintivos (por exemplo, em matéria corporal) que eles contribuem para fazer existir, ao mesmo tempo que as “naturalizam”, inscrevendo-as em um sistema de diferenças todas igualmente naturais em aparência; de modo que as previsões que elas engendram são incessantemente confirmadas pelo curso do mundo [...](BOURDIEU, 2002, p.15).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Conclusão

Ainda que haja toda a movimentação da máquina estatal, ainda há muito a ser feito. A predominância dos laços culturais que colocam as mulheres aquém dos homens se apresenta de maneira disfarçada e silenciosa. Muitos desafios e compromissos ainda precisam ser assumidos de modo a corresponder, efetivamente, com uma realidade mais equânime entre ambos os sexos permitindo, dessa forma, o ingresso efetivo das mulheres na seara política.

É preciso romper com as entranhas da submissão e possibilitar uma perspectiva diferente aos membros da sociedade. Não precisa-se mais encarar o masculino e o feminino através de uma guerra de sexos mas, sim, de indivíduos que apesar de serem de sexos opostos, podem ser parceiros para a formação de uma sociedade justa e igualitária, sem preconceitos ou discriminações.

Através de uma vigilância contínua e, principalmente, através da insistência do governo em gerar políticas que abarquem as necessidades femininas de inclusão, a luta das mulheres em ter seu valor devidamente reconhecido dará frutos e, finalmente, possibilitará maior notoriedade no seio social e político em que vivem, fulminando de uma vez por todas as amarras que as silenciavam e as tornavam objetos invisíveis da sociedade.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1960 a.

BOURDIEU. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A Dominação Masculina**. Trd. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL. **Mulheres na política**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/02/mulheres-na-politica>>. Acesso em: 06 mar. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 36, 38, 39, 40 e 41 p.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 6ª Edição: Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MORAES, Ulisses Quadros de. Pierre Bourdieu: Campo, habitus e capital simbólicos. . In: V Fórum de Pesquisa Científica em Artes, 2006-2007, Curitiba, **Anais**, Curitiba, 2006-2007, p. 180-192.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria relacional**. Revista Histórico- americana, 1986.

TERRA. **Marias Brasileiras**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/empreguetes/maria-brasileira/>>. Acesso em: 06 mar. 2015.